

A PROPÓSITO DE SIMONDON*

* Publicado sob o título de “Gilbert Simondon, O indivíduo e sua gênese físico-biológica”, na *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vol. CXLVI, n.º 1-3, janeiro-março de 1966, pp. 115-118. A obra de G. Simondon (1924-1989), *L'individu et sa genèse physico-biologique*, apareceu em 1964 (Paris, PUF, coleção “Epiméthée”). Trata-se da publicação parcial da tese de doutorado de Estado, *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*, defendida em 1958. A segunda parte só foi publicada em 1989, pela Aubier, com o título *L'individuation psychique et collective*. [Nota de David Lapoujade, organizador da coletânea *L'Île Déserte et autres textes*, a sair no Brasil pela Ed. Iluminuras, incluindo o presente texto de Deleuze. NE] [*O indivíduo e sua gênese físico-biológica* ganhou uma nova edição francesa (Grenoble, J. Millon, 1995) que incorpora passagens da tese de doutorado não presentes nas publicações precedentes. NT].

..... GILLES DELEUZE

O PRINCÍPIO de individuação é respeitado, julgado venerável, mas parece que a filosofia moderna se absteve até agora de retomar o problema por sua conta. As conquistas da física, da biologia e da psicologia nos levaram a relativizar, a atenuar o princípio, mas não a reinterpretá-lo. Já é um grande mérito de Gilbert Simondon apresentar uma teoria profundamente original da individuação, teoria que implica toda uma filosofia. Simondon parte de duas observações críticas: 1º) Tradicionalmente, o princípio de individuação é reportado a um indivíduo já pronto, já constituído. Pergunta-se apenas o que constitui a individualidade de um tal ser, isto é, o que caracteriza um ser já individuado. E porque se “mete” o indivíduo após a individuação, “mete-se” no mesmo lance o princípio de individuação *antes* da operação de individuar, acima da própria individuação; 2º) Por conseguinte, “mete-se” a individuação em toda parte; faz-se dela um caráter coextensivo ao ser, pelo menos ao ser concreto (mesmo que seja ele divino). Faz-se dele todo o ser e o primeiro momento do ser fora do conceito. Este erro é correlativo do precedente. Na realidade, o indivíduo só pode ser contemporâneo de sua individuação e, a individuação, contemporânea do princípio: o princípio deve ser verdadeiramente genético, não simples princípio de reflexão. E o indivíduo não é somente resultado, [121] porém *meio* de individuação. Contudo, precisamente deste ponto de vista, a individuação já não é coextensiva ao ser; ela deve representar um momento que não é nem todo o ser nem o primeiro. Ela deve ser situável, determinável em relação ao ser, num movimento que nos levará a passar do pré-individual ao indivíduo.

A condição prévia da individuação, segundo Simondon, é a existência de um sistema metaestável. Foi por não ter reconhecido a existência de tais sistemas que a filosofia caiu nas duas aporias precedentes. Mas o que define essencialmente um sistema metaestável é a existência de uma “disparação”, ao menos de duas ordens de grandeza, de duas escalas de realidade díspares, entre as quais não existe ainda comunicação interativa. Ele implica, portanto, uma *diferença* fundamental, como um estado de dissimetria. Todavia, se ele é sistema, ele o é na medida em que, nele, a diferença existe como *energia potencial*, como *diferença de potencial* repartida em tais ou quais limites. Parece-nos que a concepção de Simondon pode ser, aqui, aproximada de uma teoria das quantidades intensivas; pois é em si mesma que cada quantidade intensiva é diferença. Uma quantidade intensiva compreende uma diferença em si, contém fatores do tipo E-E’ ao infinito, e se estabelece, primeiramente, entre níveis díspares, entre ordens heterogêneas que só mais tarde, em extensão, entrarão em comunicação. Ela, assim como o sistema metaestável, é estrutura (não ainda síntese) do heterogêneo.

Já se nota a importância da tese de Simondon. Descobrimos a condição prévia da individuação, ele distingue rigorosamente singularidade e individualidade, pois o metaestável, definido como ser *pré-individual*, é perfeitamente provido de singularidades que correspondem à existência e à repartição dos potenciais. (Não é justamente isso que se tem na teoria das equações diferenciais, na qual a existência e a repartição das “singularidades” são de natureza distinta da forma “individual” das curvas integrais em sua vizinhança?) Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual. Ele é diferença, disparidade, disparação. E entre as mais belas páginas do livro há aquelas nas quais Simondon mostra como a disparidade, como primeiro momento do ser, como momento singular, é efetivamente suposta por todos [122] os outros estados, sejam eles de unificação, de integração, de tensão, de oposição, de resolução de oposições. . . etc. Notadamente contra Lewin e a *Gestaltheorie*, Simondon sustenta que a idéia de disparação é mais profunda do que a de oposição, que a idéia de energia potencial é mais profunda do que a de campo de forças: “Antes do espaço hodológico há esse acavalamento de perspectivas que não permite apreender o obstáculo determinado, porque não há dimensões em relação às quais o conjunto único se ordenaria; a *fluctuatio animi*, que precede a ação determinada, não é hesitação entre vários objetos ou mesmo entre diversas vias, mas recobrimento movente

de conjuntos incompatíveis, quase semelhantes e, todavia, díspares” (p. 223).* Mundo imbricado de singularidades discretas, tanto mais imbricado quanto mais estas não estejam ainda se comunicando ou não estejam tomadas numa individualidade: é este o primeiro momento do ser.

Como vai a individuação proceder a partir desta primeira condição? Dir-se-á tanto que ela estabelece uma comunicação interativa entre as ordens díspares de grandeza ou de realidade; ou que ela atualiza a energia potencial ou integra as singularidades; ou que ela *resolve o problema* posto pelos díspares, organizando uma dimensão nova na qual eles formam um conjunto único de grau superior (por exemplo, a profundidade no caso das imagens retinianas). No pensamento de Simondon, a categoria do “problemático” ganha uma grande importância, justamente na medida em que ela está provida de um sentido objetivo: com efeito, ela já não mais designa um estado provisório do nosso conhecimento, um conceito subjetivo indeterminado, mas um momento do ser, o primeiro momento pré-individual. E, na dialética de Simondon, o problemático substitui o negativo. A individuação, portanto, é a organização de uma solução, de uma “resolução” para um sistema objetivamente problemático. Esta resolução deve ser concebida de duas maneiras complementares. De um lado, como *ressonância interna*, sendo esta o “modo mais primitivo da comunicação entre realidades de ordem diferente” (e acreditamos que Simondon tenha conseguido fazer da “ressonância interna” um conceito filosófico extremamente rico, suscetível de toda sorte de aplicações, mesmo e sobretudo em psicologia, no domínio da afetividade). Por outro lado, como *informação*, [123] sendo que esta, por sua vez, estabelece uma comunicação entre dois níveis díspares, um definido por uma *forma* já contida no receptor, o outro definido pelo sinal trazido do exterior (re-encontramos aqui as preocupações de Simondon concernentes à cibernética e toda uma teoria da “significação” em suas relações com o indivíduo). De toda maneira, a individuação aparece bem como o advento de um novo momento do Ser, o momento do *ser fasado*, acoplado a si mesmo. “É a individuação que cria as fases, pois as fases são tão-somente esse desenvolvimento de uma parte e outra do próprio ser. . . O ser pré-

individual é o ser sem fases, ao passo que o ser após a individuação é o ser fasado. Uma tal concepção identifica, ou pelo menos reata individuação e devir do ser” (p. 276).**

* Página 209 na referida edição de 1995 (NT).

** Ibidem, p. 232 (NT).

Até agora indicamos apenas os princípios mais gerais do livro. No detalhe, a análise organiza-se em torno de dois centros. Primeiramente, um estudo de diferentes domínios de individuação; notadamente, as diferenças entre a individuação física e a individuação vital são objeto de uma profunda exposição. O regime de ressonância interna aparece como diferente nos dois casos; o indivíduo físico contenta-se em receber informação de uma só vez e reitera uma singularidade inicial, ao passo que o vivente recebe, sucessivamente, vários aportes de informação e contabiliza várias singularidades; e, sobretudo, a individuação física se faz e se prolonga no limite do corpo, por exemplo, do cristal, ao passo que o vivente cresce no interior e no exterior, sendo que o conteúdo todo do seu espaço interior mantém-se “topologicamente” em contato com o conteúdo do espaço exterior;* (sobre esse ponto, Simondon escreve um capítulo admirável, “topologia e ontogênese”). É de estranhar que Simondon não tenha levado mais em conta, no domínio da biologia, os trabalhos da escola de Child sobre os gradientes e os sistemas de resolução no desenvolvimento do ovo,^{DL} pois esses trabalhos sugerem a idéia de uma individuação por intensidade, a idéia de um campo intensivo de individuação, que confirmaria suas teses em muitos pontos. Porém, isso ocorre, sem dúvida, porque Simondon não quer [124] ater-se a uma determinação biológica da individuação, mas precisar níveis cada vez mais complexos: assim, há uma individuação propriamente psíquica, que surge, precisamente, quando as funções vitais já não bastam para resolver os problemas postos ao vivente, e quando uma nova carga de realidade pré-individual é mobilizada numa nova problemática, em um novo processo de solução (cf. uma teoria muito interessante da afetividade). E o psiquismo, por sua vez, abre-se a um “coletivo transindividual”.

Vê-se qual é o segundo centro das análises de Simondon. Em certo sentido, trata-se de uma visão moral do mundo, pois a idéia fundamental é que o pré-individual permanece e deve permanecer associado ao indivíduo, “fonte de estados metaestáveis futuros”. O *esteticismo* é então condenado como o ato pelo qual o indivíduo se separa da realidade pré-individual na qual ele

* Há, certamente, um erro de impressão no original francês ao repetir “espaço interior” (*intérieur*) neste ponto. O que Simondon escreve no capítulo “topologia e ontogênese” (a que Deleuze fará referência logo em seguida) não deixa dúvidas a esse respeito (cf. pp. 222-7 da ed. de 1995) (NT).

^{DL} Sobre esta questão, Deleuze remete invariavelmente à obra de Dalcq. *L'Oeuf et son dynamisme organisateur*. Paris: Albin Michel, 1941 (NT).

mergulha, fecha-se numa singularidade, recusa comunicar-se e provoca, de certa maneira, uma perda de informação. “Há ética na medida em que há informação, isto é, uma significação encimando uma disparação de elementos de seres e fazendo, assim, com que seja também exterior aquilo que é interior” (p. 297).* A *ética* percorre, portanto, uma espécie de movimento que vai do pré-individual ao trans-individual pela individuação. (O leitor se pergunta, todavia, se, em sua ética, Simondon não restaura a forma de um Eu [Moi] que ele, entretanto, havia conjurado em sua teoria da disparidade ou do indivíduo concebido como ser defasado e polifasado.)

Em todo caso, poucos livros levam-nos, como este, a sentir a que ponto um filósofo pode inspirar-se na atualidade da ciência e, ao mesmo tempo, porém, reencontrar os grandes problemas clássicos, transformando-os, renovando-os. Os novos conceitos estabelecidos por Simondon parecem-nos de uma extrema importância: sua riqueza e sua originalidade impressionam vivamente ou influenciam o leitor. E o que Simondon elabora é toda uma ontologia, segundo a qual o Ser nunca é Uno: pré-individual, ele é mais que um metaestável, superposto, simultâneo a si mesmo; individuado, ele é ainda múltiplo porque “polifasado”, “fase do devir que conduzirá a novas operações”.

* Página 245 na edição de 1995 (NT).

Tradução

LUIZ B. L. ORLANDI

DA LINGUAGEM ZAUM À REDE TECNO-MAYA.....